

## **Moda, arte e museu: a indumentária inserida em um espaço memorial**

*Fashion, art and museum: clothes inserted in a memorial space*

Schneid, Frantieska Huszar; Esp; Universidade Federal de Pelotas,  
frantieskajs@gmail.com<sup>1</sup>

Gastal, Lorenzon Manuela; Esp; Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
manugastal@hotmail.com<sup>2</sup>

Nery, Olívia Silva;Gr;Universidade Federal do Rio Grande  
olivianery@gmail.com<sup>3</sup>

Duarte, Tereza Cristina Barbosa; Ms Design; Centro Universitário Ritter dos  
Reis  
terezacduarte@gmail.com<sup>4</sup>

### **Resumo**

Moda diz muito sobre os sujeitos e sua sociedade. Quando a indumentária se encontra numa instituição memorial e patrimonial, como o museu, ela adquire um caráter simbólico e fortalece sua função de documento e testemunho do passado. Busca-se explorar as múltiplas faces da indumentária quando está inserida nos museus, bem como sua relação com a arte.

Palavras Chave: Museu. Moda. Arte.

### **Abstract**

Fashion says a lot about the subjects and their society. When vestiment is in a memorial and heritage institutions such as the museum, it acquires a symbolic character and strengthen its role as witness and document the past. Seeks to explore the multiple facets of the clothing when it is inserted in museums, as well as its relationship with art.

*Keywords: Museum. Fashion. Art.*

### **Introdução**

O museu é um espaço memorial e patrimonial que possui um acervo característico de sua missão e visão, onde seus objetos possuem uma carga

---

<sup>1</sup> Graduada em Moda e Estilo pela UCS, especialista em Docência na Educação Profissional pela Fatec Senac-RS, aluna do PPG (mestrado) em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, docente do Curso Técnico em Vestuário do IF-Sul.

<sup>2</sup> Graduada em Design de Moda pela Universidade Fumec em Belo Horizonte e especialista em Engenharia de Produção pela UFRGS

<sup>3</sup> Graduada em História Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel).

<sup>4</sup> Mestre em Design pela Uniritter. Graduada em Artes Visuais com Habilitação em Desenho e especialização em Gráfica Digital pela UFPel. Docente do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda da UCPel, e do IFSul.

memória e simbólica diferente daqueles que estão fora do espaço museal. Se quando o objeto sai do seu local de origem e é transferido para espaços memoriais, ele passa a ter um sentido diferente, uma nova função, os museus também podem ser vistos como mediadores desse compartilhamento de memórias e de histórias, e como instituições que salvaguardam histórias, memórias e esquecimentos. Para Pomian (1984), o objeto que está dentro de um museu é destituído de suas funções originais e de suas atividades econômicas, para locais fechados, expostos ao público e recebendo cuidados especiais para a sua conservação, funções que fazem dele também uma relíquia; “logo, pode-se afirmar que os objetos que se tornam peças de museu têm um valor de troca sem terem um valor de uso” (POMIAN, 1984, p. 54); troca de valores, de sentidos, de significados, de interpretações.

Espaços como museus e centros de memória são exemplos de lugares onde a memória existe, onde os objetos são patrimonializados e representantes de memórias, além disso, passam por um processo de diferenciação dos demais objetos que continuam nos espaços domésticos. Todavia, os objetos tanto dentro de espaços museológicos quanto dentro de espaços familiares/ domésticos funcionam como evocadores de memórias e histórias, individuais e coletivas, e podem ser utilizados como fontes de estudo para compreender essas histórias e memórias.

Sendo assim, o espaço do museu como lugar para a memória, faz incidir sobre os objetos, uma função social, um significado e um sentido diferente. Letícia Julião (2006) aborda a importância da pesquisa histórica dentro do Museu, onde é possível pesquisar e investigar essa biografia cultural dos objetos, pois através deles é possível compreender muito mais do que sua funcionalidade. Se os objetos podem servir como fontes de estudo e pesquisa para descobrir essa biografia cultural dos objetos, e o entendimento deles como documento, conforme visto anteriormente, Julião (2006, p. 99) defende que é

Importante observar que os objetos adquirem o caráter de documento somente no momento em que o homem sujeito que conhece, lhes atribui esse valor. Nesse processo, os museus constituem o espaço, por excelência, no qual se institucionaliza a transformação dos objetos em documentos e bens culturais.

Nesse sentido, a indumentária também pode ser vista como um documento, como parte da cultura material e conseqüentemente como bem cultural. Através da indumentária é possível perceber muito mais do que o material utilizado para a confecção da peça, mas os aspectos sociais, culturais e econômicos de quem vestia. Para isso também faz-se necessária a presença de pesquisadores nestes espaços museológicos, junto com os demais profissionais. A pesquisa deve ser sempre uma função e uma preocupação do museu, abrindo suas portas para estudantes e curiosos das mais diversas áreas.

Nessa direção, Letícia Julião (2001, p. 106) afirma que um museu representa uma instituição interdisciplinar e, para funcionar de maneira adequada, deve atuar em três campos que são ao mesmo tempo “distintos e complementares: preservação, investigação e comunicação”. Sofka (2009, p. 80) também defende o mesmo pensamento: para ele, “o pré-requisito lógico que permite aos museus desempenhar o seu papel nos dias atuais é o amálgama entre as suas três principais funções, isto é, preservar, pesquisar e difundir o conhecimento”. Utilizar a indumentária como documento permite desvendar uma sociedade ou uma personagem por trás das roupas, acessórios e demais componentes da vestimenta humana.

Dessa forma, os trajes que estão localizados em museus e espaços memoriais e patrimoniais são testemunhos do passado e que em exposições se comunicam com o público, contando através de suas costuras e detalhes um pouco do passado, mas também do presente.

#### **Quando a moda ingressa no museu**

Os museus são instituições que transformam objetos em bens culturais. A maior parte deles tem o objetivo de preservar, pesquisar e expor seus objetos. As roupas ao entrarem no museu, mudam de papel, deixam de ter funcionalidade e ser apenas adorno pessoal e tornam-se objetos de contemplação. Assim sendo, tornam-se vestígio do seu tempo, uma fonte primária, viram objeto de estudo. Ou seja, as fontes de conhecimento são os

próprios objetos. A filósofa Marie-José Mondzain (2009, p.9) aborda a relação da moda como objeto:

A moda não é, à primeira vista, o que se poderia chamar de objeto de tradição filosófica. Mas, na verdade, todo objeto pode se tornar filosófico, quando se encontra na forma de interrogá-lo a partir e sua história e de seus sentidos [...]<sup>5</sup>

A moda é uma engrenagem que se constitui através da roupa, das aparências, mas engloba um processo definido pela metamorfose contínua. A ideia que se busca é pensar a roupa como molde, como componente fundante e não como muito já foi relacionada, como complemento.

Além de sua função simbólica e sua concepção tradicional que define-o como um guardião do passado, dos costumes, os museus desempenham também uma função social, que ajuda na criação e transformação de identidades:

Assim, o museu se constitui como um espaço de lembranças e esquecimentos, onde os objetos, como vetores de significação, revelam e ocultam determinados sentidos sobre o passado, quando incorporados no espaço museológico (GOMES; OLIVEIRA, 2010, p. 44).

Os museus exercem um ofício específico na esfera das sociedades onde estão inseridos (Bruno, 1996), pois são locais com atributos de socialização de valores culturais que compõem a teia de informações que é a memória. O museu, não apenas salvaguarda e comunica, mas deve também refletir e transmitir conhecimento sobre suas peças.

Os objetos depois de compreendidos e contextualizados, são agrupados e expostos ao público. Essas narrativas que resultam das exposições são um recorte, seja ele histórico, estilístico ou tecnológico. Tais exposições auxiliam a sociedade "... celebrar um culto comum... [funcionam como uma] apresentação da sociedade para si mesma do espetáculo de sua origem, a partir do 'patrimônio histórico'" (GUEDES, 2007, p. 426).

Ao longo do século XX há um crescente processo de musealização dos vestuários-moda em vários museus em distintos pontos do mundo, incluindo a formação de museus exclusivamente dedicados aos acervos têxteis e de indumentária. Museus históricos, de arte, de cultura local etc., se compeliram a colecionar vestes, acessórios, calçados que compõem a aparência das pessoas na sociedade ocidental (SANT'ANNA, 2008, p. 1).

---

<sup>5</sup> Tradução da autora.

Geralmente os acervos buscam guardar a memória dos costumes e hábitos domésticos de uma determinada sociedade. As indumentárias preservadas em museus são indicadores de memória da história têxtil, vestimentar, da moda e da linguagem plástica que formam a aparência das pessoas que um dia as portaram. Pode-se dizer que a moda transpassa a relação do indivíduo com a sociedade, repercutindo na sua forma de ser e estar dentro de uma sociedade, assim como seus códigos sociais. Azzi (2010, p. 20) diz que: “É na interação entre os elementos – indivíduo, história e sociedade – que a moda faz o papel de mediador, entrando em cena como a memória material desse diálogo”.

Quando uma peça de vestuário entra em uma instituição museológica ela torna-se uma peça do patrimônio cultural do grupo que mantém essa casa (LEMOS, 1984). Ou seja, esse objeto torna-se um objeto de admiração. Se antes a peça era útil, isto é, tinha uma função ligada à prática, agora seu papel é ligado à observação e ao pensamento sobre o passado.

Musealizar um vestuário indica que a peça foi doada/adquirida, aceita e deu entrada em um museu como indicador da memória. Uma série de documentos, doados em conjunto com a peça também auxiliam no registro sobre o resgate da trajetória da peça.

Compreender como são as realizações existentes, entre as roupas musealizadas e seu processo de musealização, pode nos dar uma visualização, tanto de suas inter-relações no universo dos objetos-vestuários quanto com o meio social. E, dessa forma, perceber como são constituídas as vestes e os têxteis e seus possíveis enquadramentos como importantes indicadores de uma construção específica da memória (SANT'ANNA, 2008, p.8).

Um traje ao entrar em um museu é entendido como um objeto têxtil tridimensional. Ele exige não só conhecimento histórico, artístico e cultural de sua origem, mas também conhecimentos técnicos específicos empregados na sua criação e construção. Depois de estabelecida sua posição final como memória e/ou patrimônio, a roupa continua a ser ressignificada, dessa vez através de exposições e pesquisas.

**Maria Antonietta e sua primeira exposição de moda do mundo**

Maria Antonieta, austríaca, tornou-se rainha da França em 1774 após casar-se com Luís XVI. Esse momento marcou a fase mais exagerada da história da moda, o período Rococó, que antecedeu à Revolução Francesa (1789). A rainha tinha muito apreço pela moda e sua indumentária “provocava inveja, desejo e ira, simultaneamente, numa época em que não havia *stylists* ou assessores de marketing” (AZZI, 2010, p. 27). Porém não se vestia sozinha, tinha uma enorme e qualificada equipe que se encarregava de sustentar as vontades vestimentares da rainha, costureiras, damas e em especial sua modista Rose Bertin e seu cabeleireiro particular Léonard.

Maria Antonieta destinava três aposentos para guardar suas roupas e acessórios e estes eram abertos para visitas, o público poderia admirar o pomposo “guarda-roupas” da rainha. Esta é a primeira exposição de moda que se tem notícia, mesmo que feita de forma não intencional.

Quando a Revolução Francesa estourou em Versailhes, grande parte da coleção de roupas da Maria Antonieta foram destruídas “restando apenas fragmentos e farrapos, que ajudam pouco a contar sua história” (AZZI, 2010, p. 29). A rainha que ousou juntar moda e arte, influenciou mesmo que depois de sua morte, que se pensasse a roupa como objeto de fetiche e para surgimento dos museus modernos.

#### **Quando o museu utiliza-se de mecanismos da moda**

A moda não só apropria-se dos espaços de exposição dos principais museus de arte do mundo, mas também de importância que a arte possuía anteriormente para a sociedade, pois “considerar que um bem cultural possa ter valor estético e de uso, simultaneamente, é de certa forma macular a aura do objeto de arte” (AZZI, 2010, p.74).

A moda assume assim um papel central não somente dentro do museu, mas dentro da sociedade, pois o consumo da moda tido inicialmente apenas como um lazer estético coletivo, voltado ao público feminino com o advento das sociedades liberais, assume papel diferenciado na sociedade.

Da mesma maneira que a moda invadiu o espaço do museu, da memória muitos museus utilizam-se de artifícios da moda para manterem

acervos e difundirem artistas e trabalhos como afirma Lipovestky e Serroy: “o universo do museu é cada vez mais estruturado pelas lógicas do espetáculo, do novo, da sedução, que são as mesmas estruturas da moda” (2011, p.90).

E o frequentador do museu também mudou, quem anteriormente ia em busca da beleza dentro do museu atualmente adentra o espaço museológico em busca de outros ideais:

“Aqueles que visitam uma exposição de arte de vanguarda, que compram uma escultura “incompreensível” ou que participam de um *happening* vestem-se e penteiam-se segundo os cânones da moda, usam jeans ou roupas assinadas, seguem os ideais de beleza propostos pelo consumo comercial, aquele contra os quais a arte das vanguardas lutou durante mais de cinquenta anos” (ECO, 2004, p.418).

#### **As relações moda versus arte**

Segundo Mackenzie (2010, p.6), a moda constitui o espelho das sociedades nas quais ela existe. Portanto, assim com a arte, a moda é reflexo das manifestações do homem a partir do contexto em que vive. Quando buscamos referenciais na história, é possível observar que a indumentária também é parte importante destes registros, trazendo uma carga de significado relevante para que possamos entender determinada época. Moda e arte caminham juntas, são cíclicas e se abastecem da cultura. Shulte (2002, p. 49), afirma que a moda assim como a arte, tem uma relação direta com o contexto de uma época. Seu caráter efêmero está associado ao desejo contínuo da sociedade por mudanças, principalmente nos dias atuais, onde coisas novas são criadas a todo o instante.

Conforme Argan (1994), o conceito de arte não define categorias de coisas, mas um tipo de valor. A arte está ligada ao trabalho humano e suas técnicas mentais e operacionais são formas significantes às quais a consciência atribui significados. Para ele, a história da arte não é uma história dos objetos, mas uma história dos juízos de valor acerca dos objetos e, por isso, ela é fundamental para compreender a sociedade. Sendo assim, a moda, assim como a arte traz sempre uma mensagem, e mesmo quem não está ligado diretamente a ela, se vê de alguma forma envolvido, visto que ambas estão diretamente ligadas aos fenômenos sociais. O que é bom, coerente e

adequado usar em determinado momento e/ou período reflete o pensamento acerca dos juízos de valor feitos pela sociedade.

Argan (1992) define que fazer arte é muito mais do que executar uma tarefa, pois requer uma dimensão reflexiva, uma fenomenologia da forma, uma percepção conformadora e formadora, que expande a percepção do mundo e produz reflexões que pressupõem diferentes possibilidades de sentidos. Para ele, a construção da obra de arte é um processo cognoscitivo amplo, na medida em que "o melhor objeto que o homem pode produzir é aquele que contém uma experiência mais ampla, uma concepção total do mundo". Como também, "a obra de arte é o objeto único, que tem o máximo de qualidade e o mínimo de quantidade". Diante dessas afirmações, quando traçamos um paralelo entre a criação de uma obra de arte e uma peça de roupa, é possível compreender que os dois processos, são semelhantes, pois partem da inspiração, e do composto híbrido de experiências e significados contidos na essência do artista e/ou do estilista. Ambos se abastecem do coletivo, com o propósito de transmitir uma mensagem, que alcance um grande número de pessoas. Este paralelo vem ao encontro da fala de Palomino (2002, p.14) que define a moda como um sistema que acompanha o vestuário e o tempo, que integra o simples uso das roupas no dia-a-dia a um contexto maior, político, social, sociológico.

Muitos estilistas se serviram da arte, e podemos acompanhar isto ao longo da história da arte e da moda, através de muitas parcerias em que estas duas áreas se entrelaçam em diversos momentos. Mackenzie (2010, p.78) fala da estreita relação da moda com o Surrealismo (movimento artístico fundado em 1924), e a afinidade entre os artistas deste movimento e a parafernália ligada a indústria da moda, utilizando o vestuário para representar o limiar entre a consciência e a inconsciência. Segundo Mendes e Haye, (2003, p. 95) "Schiaparelli foi a primeira estilista a trabalhar com coleções temáticas. Suas roupas eram admiradas pela elegância e perfeito acabamento, de admiráveis detalhes". A estilista teve uma relação estreita com o surrealismo, onde fez amizade e colaboração com o artista surreal Salvador Dalí. Outro exemplo é o trabalho de Yves Saint Laurent que em 1965 uniu moda e arte ao criar coleções inspiradas em obras de grandes artistas, como o vestido tubinho



inspirado nos trabalhos de Piet Mondrian, artista plástico fundador do Neoplasticismo, e que se tornaria um ícone da moda. A moda festejou a cor, a criatividade, a geometria e materiais novos. (GARCIA, 2010). Também em 1988, o estilista lançou uma série de jaquetas estampadas com os lírios e girassóis de Vincent Van Gogh, pintados no século XIX.

Muitas outras coleções além dos trabalhos citados trazem propostas onde arte e moda estiveram reunidas, apresentando beleza, inovação, história e provocando discussões. Percebe-se que a arte e a moda são duas áreas onde a criatividade, a sensibilidade e o senso estético estarão sempre presentes, trazendo à tona conceitos e pensamentos que se transformam e se agregam ao longo dos tempos.

### **Considerações Finais**

Assim como os demais objetos e espécies da cultura material, a moda faz parte do rol de fontes e testemunhos do passado que podem ser utilizados para compreender os aspectos da sociedade contemporânea e passada.

Muitos museus possuem em seu acervo amostras de roupas e acessórios, que variam de acordo com a tipologia do museu. A indumentária chama a atenção dos visitantes dos museus, e são sempre alvo dos olhares curiosos. Além disso, através da moda é possível (re)ler e interpretar várias características sociais, econômicas e culturais dos sujeitos e grupos sociais.

Por isso faz-se necessária o incentivo e a utilização destes vestígios materiais para a pesquisa não só no âmbito da história, mas também dos estudantes de moda, antropologia e demais ciências. Os museus, como espaços memoriais e patrimoniais, que possuem acervos de indumentária ou são especificamente da moda, também devem incentivar as pesquisas frente aos seus acervos.

Conforme visto neste texto, a moda também utiliza a arte como inspiração, mas também é inspiração de outras linguagens da arte. Ambas podem ser vistas como manifestações culturais e artísticas do homem, e fontes de estudo e preservação nos museus.

### **Referências**

ARGAN, G. C. **Clássico e anti-clássico**: o renascimento de Brunelleschi à Bruegel. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

AZZI, Christine Ferreira. **Vitrines e coleções: quando a moda encontra o museu**. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2010.

BRUNO, Cristina. Museus hoje para o amanhã. *In*: **Conferência Latino Americana de Museus**. São Paulo: Mimeo, 1996.

GARCIA, Claudia. **Um dos estilistas mais importantes do século 20**. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/saintlaurent\\_historia.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/saintlaurent_historia.htm)>. Acesso em: 4 Jul. 2010.

GOMES, Alexandre Oliveira; OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. A construção social da memória e o processo de ressignificação dos objetos no espaço museológico. *In*: **Museologia e Patrimônio**, v. 3, n. 2, p. 42-55, jul/dez 2010.

GUEDES, Angela Cardoso. Coleções e museus. *In*: **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, v. 39, p. 421-431, 2007.

JULIÃO, Letícia. A pesquisa histórica nos museus. *In*: MINISTÉRIO DA CULTURA. **Caderno Diretrizes Museológicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006.

LEMONS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MACKENZIE, Mairi. **Isms para entender a moda**. São Paulo: Globo, 2010.

MENDES, Valerie e HAYE, Amy de. **A Moda do século XX**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MONDZAIN, Marie-José. **La mode**. Paris: Bayard, 2009.

PALOMINO, Erika. **A Moda**. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2002

POMIAN, Krzystof. Coleção. *In*: **ENCICLOPÉDIA EINAUDI**, v. 1: Memória - História. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984.

SANT'ANNA, Patricia. A moda no museu. *In*: **Anais do I Congresso Internacional de Moda, CIM**, 2008, Madrid, 22 al 24 de octubre de 2008.

SCHULTE, Neide Köhler. **Arte e moda: criatividade**. Modapalavra/Universidade do estado de Santa Catarina, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 48-56, 2002. Anual.

SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o Museu. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, PPGPMUS Unirio/Mast, v. 2, n. 1, jan./jun. 2009.